

“Envelhecimento, erotismo e relacionamentos amorosos na velhice”

Thiago de Almeida

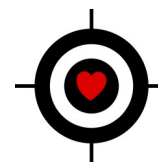
O amor é um conceito que possui uma extensa cadeia de significados e interpretações distintas. Muito longe de ser meramente um impulso gregário, amar é ir ao encontro de alguém e permitir a vinda deste ao encontro de quem o busca (Almeida, 2003). O amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados, muitas vezes, à felicidade para o ser humano. Desta maneira, amar alguém, e conseqüentemente expressar sua sexualidade e erotismo e talvez consolidar um relacionamento amoroso, em primeira análise, significa reconhecer uma pessoa como fonte real, ou ainda, potencial para a própria felicidade.

Preliminarmente, erotismo é uma referência a influência do deus grego Eros, que com suas flechas místicas teria o efeito de apaixonar as pessoas umas em relação às outras. No entanto, a compreensão da palavra erotismo vem sofrendo grandes transformações ao longo do tempo, e estas vêm das nossas próprias percepções de mundo, as sensações que experimentamos em nossa vida, nossos sonhos, desejos e idealizações com os sexos. Dessa forma, não é uma tarefa fácil compreender o erotismo e todas suas manifestações, pois vem durante os séculos, através da história, das sociedades, épocas, de seus personagens, e dos mitos que se relacionam ao entendimento desse conceito.

Se por um lado o que se concebe a respeito do amor remete a entendimentos tão diversos, este conjunto de sentimentos, pensamentos e comportamentos podem ser caracterizados como uma interpretação distinta de pessoa para pessoa e, conseqüentemente, o que for vivenciado também pode ser considerado idiossincraticamente distinto. Por outro lado, as atitudes preconceituosas da sociedade na qual estão inseridos os idosos tipificam as atitudes destes, então, não há nenhum outro lugar onde esse preconceito seja mais aparente do que na área da sexualidade (Starr, 1985).

Pode-se reconhecer que a sexualidade sedia o erotismo, e que é por meio da mente humana que eclodem todos os contextos históricos, que com o passar dos tempos nos ajudam a entender os conceitos sobre o erotismo. Infelizmente também percebemos que muitas pessoas, sejam elas jovens há mais ou menos tempo tem muita dificuldade em integrar os conceitos de sexualidade, erotismo e amor. Segundo o conceito encontrado no dicionário Houaiss da língua portuguesa, o erotismo pode ser definido como: 1) estado de excitação sexual; 2) tendência a experimentar a excitação sexual mais prontamente que a média das pessoas; 3) sexo em literatura, arte ou doutrina; 4) estado de paixão amorosa.

Concomitantemente, pode-se conceber o amor e a sexualidade, simultaneamente, como alguns dos principais elementos da interação humana e, também, como uma das principais diretrizes na estruturação das relações íntimas. Contudo, tendo em vista que a sociedade muitas vezes mina as expectativas de alguns segmentos sociais, como por exemplo, os idosos que querem firmar um relacionamento amoroso, tais



atitudes podem causar uma paralisia nas motivações, ao menos momentânea, além de conflitos desnecessários para seus acometidos.

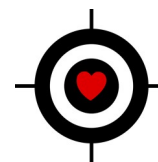
Desde o nascimento, a vida se desenvolve de tal forma que a idade cronológica passa a se definir pelo tempo que avança. O tempo fica definido como uma sinonímia para uma eternidade quantificada, ou seja, uma cota. Desta forma, o homem e o tempo se influenciam mutuamente, produzindo profundas mudanças nas subjetividades e diferentes representações que lhe permitem lidar com a questão temporal (Goldfarb, 1998).

Conseqüentemente, cria-se, assim, um dilema: como teorizar acerca de um conceito como este? Embora todos saibam reconhecer um idoso, é muito difícil definir algo que possa servir para caracterizar a situação no qual se encontra. Poder-se-ia recorrer a um referencial biológico que contemplasse a aparência ou as patologias consideradas como clássicas para esse período da vida – tais como cabelos brancos, rugas, osteoporose, artrose, hipertensão, perdas de memória, cardiopatias, dentre outros. Se por um lado esses sinais costumam se manifestar bem antes que uma pessoa possa ser definida como velha ou em processo de envelhecimento, por outro, a ciência contemporânea conta com novos recursos com vistas a superar a maioria desses sinalizadores de idade avançada – logo, estes não mais se prestam para definir a velhice. Poder-se-ia talvez arriscar uma definição em termos psicológicos, ao se recorrer a parâmetros como o enrijecimento do pensamento, perdas cognitivas, certo grau de regressão e tendências depressivas. Todavia, todas essas características reunidas não dão conta de abarcar todas as inúmeras velhices e também se tornam presentes no cotidiano de muitas outras pessoas que não compartilham da considerada velhice.

Entretanto, ser idoso não é uma abstração, e sim uma condição visível, aparente e que determina, de certo modo, as possibilidades de ação e de inter-relacionamento social (Fraiman, 1995). O desejo de tentar adiá-la, segundo Mascaro (2004), é um anseio legítimo e faz parte da luta do ser humano para vencer a doença, a dor, a infelicidade e a morte. Mas, a princípio, idoso é um termo que indica uma pessoa com uma vivência traduzida em muitos anos e não uma sinonímia para doenças e diversos níveis de mortificação.

A Gerontologia entende que o envelhecimento não significa uma decadência, e sim uma seqüência da vida, com suas peculiaridades e características (Almeida & Lourenço, 2007). Ora, sabemos que a fonte da juventude é uma utopia e, certamente, as pessoas que perseguem tal ideal sofrem de muitas angústias, pois se recusam a encarar a realidade – afinal, ninguém é tão velho que não acredite poder viver ao menos mais algum tempo. Deve-se pensar, portanto, em envelhecer com qualidade, evitando, assim, as contínuas mortes de direitos e deveres do cotidiano. E, principalmente, o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. É comum reconhecermos o envelhecimento, pois ele se anuncia em termos de estética.

Paralelamente à dificuldade de conceituação da velhice, há também a problemática da aceitação das práticas amorosas e manifestações sexuais em pessoas que se encontram em idade avançada. A característica principal da velhice é o declínio, sobretudo físico, que leva às alterações sociais e psicológicas.



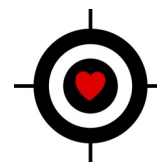
Em algumas situações, os idosos se excluem das atividades sociais, alegando a idade como pretexto para se vitimarem e se sentirem inúteis perante a sociedade, acreditando também não serem mais capazes de manter um relacionamento ou de começar um novo. Dessa forma, muitas vezes a sociedade também contribui para que o idoso tenha esta percepção de menos valia, porque as pessoas de mais idade sempre foram imaginadas como aquelas que estão se despedindo da vida. Deduz-se então, incorretamente, que por ter se aposentado do seu trabalho, de sua função, o idoso se aposentou da vida. Esse preconceito se estende para outros domínios da vida do ser humano e, conseqüentemente, priva os idosos de várias oportunidades, como o amor, a sexualidade e o lazer. Para piorar esta situação, infelizmente, em muitas pesquisas que são realizadas (e.g. Almeida & Assumpção Jr, 2007), evidencia-se que os relacionamentos afetivo-sexuais, e aqui se destacam ambos os componentes e não somente um ou outro, têm sido considerados um domínio praticamente exclusivo das pessoas das pessoas com boa saúde e fisicamente atraentes e que não comunguem de características consideradas como desviantes de modelos previamente estabelecidos pelo denominado homem civilizado.

Em suma, um dos temas a que muitas vezes são afastados as pessoas idosas é o amor, e associado a esse tema os relacionamentos amorosos e a sexualidade são tidos como um tabu para essas pessoas. Então, se percebe que os idosos freqüentemente incorporam as expectativas estereotipadas do grupo social os quais pertencem e assim, além de não conseguirem integrar a sexualidade e o amor, também dificilmente chegam a expressar suas sexualidades ao seu próprio ritmo.

Referências

- ALMEIDA, T. (2003). O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões. São Carlos: Departamento de Psicologia, UFSCar. Trabalho de conclusão de curso.
- ALMEIDA, T., & ASSUMPÇÃO Jr, F. B. (2007). O amor e o Transtorno de Asperger. In Tardivo, L.S.P.C. (Org) e colaboradores. Anais da V Jornada APOIAR: "Saúde Mental nos Ciclos da Vida", Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – São Paulo.
- ALMEIDA, T., & LOURENÇO, M. L. (2007). Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 10(1), 101- 113.
- FRAIMAN, A. (1995). Coisas da Idade. São Paulo: Gente.
- GOLDFARB, D.C. (1998). Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MASCARO, S.A. (2004). O que é velhice? São Paulo: Brasiliense.
- STARR, B.D. (1985). Sexuality and aging. In M. P. Lawton & G. L. Maddox, (eds.). Annual Review of Gerontology and Geriatrics, 5, 97-126.

Artigo veiculado em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/aptv31.htm>



Você também poderá gostar de ver:



[O 'dever' do amor e da sexualidade no processo do envelhecimento](#)

[Amor e sexualidade na velhice, direito nem sempre respeitado](#)



[Amor e sexo após os 60 anos: Utopia ou realidade?](#)

[Amor e sexualidade ao entardecer da vida.](#)



[As \(im\)possibilidades afetivo-sexuais para a velhice frente ao Novo Milênio](#)

[Relacionamentos amorosos para homens e mulheres do Terceiro Milênio: novas configurações para antigas questões](#)

